

O acionamento de lógicas anaforizantes na cobertura jornalística do caso da Bruxa de Guarujá

Micael Vier Behs¹

Resumo

A proposta do artigo consiste em identificar estratégias de construção de sentido engendradas pelo site *Folha.com* ao se apropriar de discursos materializados em outros dispositivos como condição para legitimar o avanço do seu processo de noticiabilidade em torno do boato da “Bruxa de Guarujá”, registrado em 2014, tendo como desfecho o linchamento de uma mulher inocente. Percebe-se que, incapaz de elucidar o acontecimento através de suas próprias operações, o campo jornalístico toma como elementos de sua narrativa excertos discursivos já materializados em rede, oferecendo uma remodelação àquilo que, de forma dispersa, continha uma especificidade digital anterior à sua inscrição jornalística.

Palavras-chave:

circuitos; circulação; construção de sentidos

Abstract

The present study consists of identifying meaning strategies engendered by *Folha.com* website when appropriating speeches materialized in other devices as a condition to legitimize the advance of its news process around the rumor of “Bruxa de Guarujá”, registered in 2014, having as end result the lynching of an innocent woman. It is noticed that unable to elucidate the event through its own operations, the journalistic field takes as elements of its narrative discourse excerpts already materialized in network offering a remodeling to what, in a dispersed way, contained a digital specificity prior to its journalistic inscription.

Keywords:

circuit; circulation; meaning construction

Inferências preliminares

Em obra intitulada “A Sociedade Transparente”, Gianni Vattimo (1989, p. 7) argumenta que o termo pós-moderno está diretamente vinculado ao “fato da sociedade

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos/RS.

em que vivemos ser uma sociedade de comunicação generalizada, a sociedade do *mass media*”.

Escrito no final da década de 80 do século passado, o livro de Vattimo já assinalava que os *mass media*, antes de caracterizar a sociedade como mais transparente e iluminada, estava gerando níveis elevados de complexidade informativa, tornando-a inclusive mais caótica em decorrência da falta de referências precisas.

Segundo o filósofo italiano, o senso de realidade seria ofertado pela “contaminação (no sentido latino) das múltiplas imagens, interpretações, reconstruções que, em concorrência entre si ou, seja como for, sem qualquer coordenação central, os *media* distribuem” (VATTIMO, 1989, p. 12).

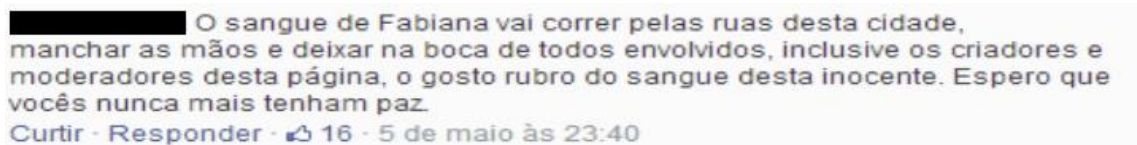
Do final da década de 80 para além da primeira década do novo século, a eclosão de processos midiáticos geridos em rede tornou as sociedades contemporâneas cada vez mais habitadas por cogestores enunciativos que, relegados à dupla condição de produtores e receptores, expandiram exponencialmente a quantidade de matéria informativa circulante. Esse processo marcado por comunicação generalizada, por sua vez, tornou cada vez mais comum a proliferação de boatos em rede, geridos em espacialidades distanciadas do campo jornalístico. Ao contrário de uma sociedade regida por fluxos unidirecionais em que a circulação do boato obedecia a uma dinâmica topográfica de ordem mais sequencial e previsível, a conectividade que caracteriza a sociedade das redes permite lateralidades e bifurcações que o conduzem a lugares e a interpretações variadas, dificultado também o trabalho de regulação engendrado pela instância jornalística.

Nestes termos, a proposta deste artigo – fruto de uma tese doutoral em desenvolvimento – consiste em analisar as estratégias de construção de sentido engendradas pelo site *Folha.com* ao se apropriar de discursos materializados em outros dispositivos como condição para legitimar o avanço do seu processo de noticiabilidade em torno do boato da “Bruxa de Guarujá”. Percebe-se que, incapaz de elucidar o acontecimento através de suas próprias operações, o campo jornalístico toma como elementos de sua narrativa excertos discursivos já materializados em rede, oferecendo

uma remodelação àquilo que, de forma dispersa, continha uma especificidade digital anterior à sua inscrição jornalística.

O boato ao qual faço menção foi gestado midiaticamente em rede, sendo alimentado pela suposta existência de uma sequestradora que raptava e matava crianças na comunidade de Morrinhos, bairro de ocupação recente situado na cidade de Guarujá, no litoral paulista. Segundo o pesquisador José Rodrigues (2016, p. 126), essa comunidade surgiu a partir de uma tentativa da Prefeitura implantar um programa de redução das mais de 40 favelas existentes na cidade na década de 1980. Contudo, o espaço destinado ao bairro passou, gradualmente, a ser ocupado de forma clandestina, proliferando problemas de saneamento, infraestrutura e transporte público. Nesse sentido, “apesar dos esforços desenvolvidos para a efetivação do programa de desfavelamento, o bairro de Morrinhos tornou-se uma favela, espaço público propício para a desagregação e a exclusão social” (RODRIGUES, 2016, p. 126).

A história desse local ficou marcada pelo desdobramento trágico do boato que culminou com o linchamento de uma dona de casa confundida com uma personagem que apenas existiu no imaginário da comunidade. Nesses termos, um acontecimento produzido fantasiosamente através do fluxo de interações em rede desencadeou um acontecimento real, impetrado nas ruelas do bairro pobre de Guarujá, como sugere o excerto abaixo extraído da seção de comentários da página Guarujá Alerta no Facebook, espaço informativo que publicou as primeiras suspeitas em torno da existência de uma “suposta sequestradora” e que, no contexto deste artigo, é tomado como o principal dispositivo mobilizador do boato.



O sangue de Fabiana vai correr pelas ruas desta cidade, manchar as mãos e deixar na boca de todos envolvidos, inclusive os criadores e moderadores desta página, o gosto rubro do sangue desta inocente. Espero que vocês nunca mais tenham paz.
Curtir · Responder · ↻ 16 · 5 de maio às 23:40

O boato que marcou a história da comunidade teve como desfecho o linchamento, em maio de 2014, da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, casada e mãe de duas meninas. Gestado na página travestida de jornalística no Facebook, ganhou repercussão midiática na imprensa corporativa, sendo ressignificado através de

comentários de internautas nas redes sociais e nos espaços destinados a comentários de conteúdos produzidos pelo campo jornalístico, aqui representado pelo site do jornal Folha de S. Paulo.

É importante destacar que, durante o período de maturação do boato em rede, o campo jornalístico não se adiantou ao processo de sentenciamento popular de Fabiane a fim de produzir um espaço de reflexão ética e moral capaz de criar a possibilidade de uma oposição ao processo que resultou em sua morte. Contudo, a partir do momento em que o boato se converteu num acontecimento factual devidamente documentado, cerceado num espaço e numa temporalidade definidas – a exemplo do que acontece quando implode o linchamento no seio da comunidade de Morrinhos –, o campo jornalístico, ainda que tardiamente, se apropria dele na tentativa de enquadrá-lo às suas regras e normativas regulatórias. Com a morte de Fabiane, portanto, o boato “termina”, conforme explicita o próprio campo jornalístico, convertendo-se agora num acontecimento galgado em fatos reais e revestido por critérios caros ao universo da noticiabilidade.

O boato só terminou com a morte da dona de casa Fabiane de Jesus, 33. No sábado, ela foi confundida com a suposta criminosa e linchada.

Em linhas gerais, portanto, o boato da Bruxa de Guarujá pode ser analisado a partir do somatório de três instâncias discursivas inter-relacionadas: a) a página Guarujá Alerta, responsável pela produção dos primeiros indícios da existência do boato; b) as produções materializadas em rede por atores sociais em diferentes dispositivos, explicitando a irrupção da palavra social reprimida e seu potencial de releitura do boato em direção a zonas interpretativas dispersas; c) e o site *Folha.com*, responsável pelo acionamento de processualidades e deontologias características do campo jornalístico a fim de prover inteligibilidade ao boato convertido em ato trágico, agora digno de nota.

Considerando que o campo jornalístico não acompanhou *in loco* o desfecho do boato de Guarujá, a proposta é analisar as estratégias empreendidas pelo campo jornalístico para, através de um esforço anaforizante, construir a sua narrativa

recuperando excertos de outras narrativas já midiaticizadas em torno do caso aqui mencionado.

O que se verifica é que o trânsito de informações gestadas na internet conduziu a um movimento de relevância gradual do caso que, à medida em que circulava, deixava transparente a existência de “zonas de pregnância” (FAUSTO NETO, 2008) entre o campo da cultura, o campo jornalístico e o perfil noticioso no Facebook, cada qual se retroalimentando como condição premente para a sua produção de sentidos no contexto do circuito-ambiente que instituíram.

Estratégias anaforizontes

A fim de construir estratégias de construção de sentido em torno do episódio circunscrito à órbita do boato de Guarujá que, no dia 5 de maio de 2014, exasperou-se das redes traduzindo-se num ato de linchamento trágico e covarde, o site *Folha.com* precisou incorporar à sua narrativa excertos midiáticos produzidos por atores sociais em outros espaços enunciativos, estabelecendo construções correferenciais promovidas pela potencialidade da circulação em rede. Nesse sentido, o site jornalístico apropria-se de discursos, materializados em outros circuitos, como insumo balizador para ancorar o seu processo de noticiabilidade, considerando que nenhum repórter acompanhou o desfecho do caso no dia do linchamento, nem mesmo nos dias que antecederam a sua gestação através de um trânsito acelerado de informações em rede. Nestes termos, levando-se em conta as prerrogativas da teoria da interdiscursividade, o campo jornalístico reedita materiais já dispostos em outras narrativas midiaticizadas em rede, convertendo-os em objetos dinamizados pelas suas próprias práticas produtivas. Há uma série de problemáticas que precisam ser analisadas a partir dessa constatação, considerando cada um dos elementos que, externos às suas lógicas produtivas, foram incorporados à narrativa jornalística.

Num primeiro momento é preciso considerar que a literalidade do linchamento de Guarujá – e todos os aspectos dramáticos que perpassam a multiplicação de signos e imagens em torno do evento – estiveram centrados na reprodução de vídeos amadores

amplamente referenciados ao longo da cobertura desenvolvida pela *Folha.com*. A reprodução dos vídeos, compactados num único produto audiovisual jornalístico² sinaliza, num primeiro momento, que a inscrição midiática do linchamento na realidade histórica é produzida através de um trabalho de captura processada a partir de lógicas e processualidades distanciadas da “cultura jornalística”, ressaltando o lugar do ator-social revestido da autoridade para narrar o fato justamente por tê-lo sistematizado na forma de um registro audiovisual, o que também o situa à condição de personagem proficiente para manipular instrumentais tecnológicos. Nesse sentido, as produções geridas por esses atores suprem a escassez de sinais ou índices (no sentido peirceano do termo) “que a marcação jornalística identifica como fonte de um valor-notícia” (SODRÉ, 2012, p. 75).

Mesmo que o processo de constituição do boato gerido através da página Guarujá Alerta – como mostra os prints reportados abaixo – não tenha se configurado num acontecimento relevante segundo os princípios da cultura jornalística, a sua exasperação na forma de um linchamento desencadeou uma inscrição midiática/cultural mobilizara da agenda dos veículos de comunicação.



Faltava a essa inscrição midiática/cultural, contudo, um referente que lhe oferecesse uma perspectiva tátil e de testemunhalidade, suprida justamente pela

² A primeira inserção do vídeo compactado na cobertura da *Folha.com* ocorreu no dia 5 de maio de 2014, um dia após o linchamento, em matéria assinada pelo jornalista Diógenes Campanha, intitulada “Mataram a mulher”, diz morador após espancamento no Guarujá; veja vídeo”.

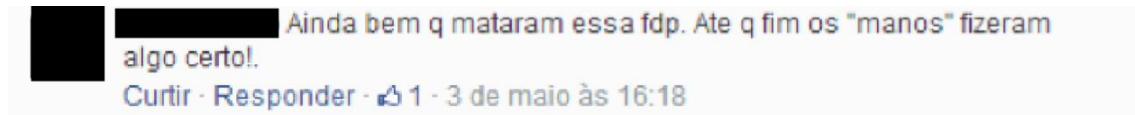
incorporação dos vídeos amadores à narrativa jornalística através da mobilização de uma estratégia definida, portanto, como anaforizante, considerando a ausência do perito jornalístico à cena da ação e o resgate, em retrospectiva, de conteúdos produzidos a partir de lógicas processuais definidas pelos próprios autores sociais que registraram as cenas. Se a midiatização corresponde “ao processo central de visibilização e produção dos fatos sociais na esfera pública”, faltava à *Folha.com* o enquadramento midiático a partir do qual o acontecimento em torno da Bruxa de Guarujá seria, de fato, construído e legitimado publicamente (SODRÉ, 2012, p. 38). Esse enquadramento, portanto, precisou ser recuperado em outros circuitos midiáticos e ressignificado à sua forma de narrar o acontecimento.

Considerando, a partir de Ferreira (2016) e Verón (1997), a midiatização enquanto fenômeno relacional e interacional constituído em processos midiáticos entre indivíduos, meios e instituições, a inserção dos vídeos à narrativa da *Folha.com* aponta para uma flexibilização das fronteiras entre esses sistemas em permanente movimento adaptativo. Segundo esclarece Braga (2007), a midiatização, para além da incidência dos meios no tecido social, tornou-se o processo interacional de referência, assim como ocorreu com a escrita no passado, mobilizando afetações as mais diversificados.

Em sua gênese, os vídeos que apresentam em detalhes o enredo que circunscreveu o linchamento do Guarujá fazem menção a um discurso social a partir do qual se refletem opiniões e preconceitos originados do senso comum, que assume as lógicas e processualidades de um discurso também midiático, na medida em que capturado tecnicamente e posto em circulação, especialmente em dois ambientes produtores de circuitos: a rede social Facebook e o aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas WhatsApp. Isso significa dizer que aquele momento derradeiro é fruto de um construto social – que pode e deve ser explicado em termos históricos – e que, gestado em rede, acabou tendo como desfecho um linchamento impetrado nas ruas de Guarujá que retorna, na forma de vídeos, áudios, textos e fotos, ao ambiente digital. As lógicas que perpassam o linchamento, portanto, são permeadas por tensionamentos sociais e midiáticos e por práticas online e offline devidamente imbricadas.

É interessante perceber que, inicialmente, o circuito midiático gerador de sentidos mobilizado pelos atores sociais oferece ao produto audiovisual capturado na

cena do linchamento um caráter de positividade. Ou seja, os vídeos que circulam imediatamente após o assassinato conformam um sistema de significação positivo, na medida em que a comunidade de Guarujá, apesar de desconsiderar qualquer processo legal, atribuí ao linchamento um caráter de juridicidade. Nestes termos, o ato bárbaro estaria legitimado, considerando que os fins justificam os meios. O comentário da internauta Carol N. na rede social Facebook, reportado abaixo e registrado poucos minutos após o linchamento, deixa explícito o cunho assertivo atribuído à morte de Fabiana, confirmada através da circulação de fotos e vídeos que registraram, *in loco*, a barbárie.



O processo de ressignificação desses conteúdos à órbita jornalística, no entanto, subverte substancialmente a rede de significados atribuídos originalmente ao material, que passa a circular como sintomático de um fenômeno negativo, fruto da proliferação cada vez mais usual e rotineira de boatos em rede, como mostra o print reportado abaixo.



A assimetria valorativa atribuída aos vídeos – positividade no circuito social e negatividade no circuito jornalístico – deve-se a uma defasagem relacional frente ao caso, situação que determinou a produção de inferências opostas em relação a um mesmo episódio. Em termos mais detalhados, pode-se afirmar que para os atores sociais, diretamente envolvidos psicologicamente e geograficamente com o caso, a falsa informação a respeito da existência de uma sequestradora de crianças revestia-se de significados, difundindo-se como informação legítima, capaz de gerar consenso a respeito de si mesmo, e chancelada pela própria relação de confiança entre os membros da comunidade que, convictos e excessivamente próximos da história, foram incapazes de perceber as suas deformidades (KAPFERER, 1987). Para o campo jornalístico, por sua vez, que passou a dedicar cobertura ao acontecimento após o linchamento, a ressonância da história em torno da Bruxa de Guarujá era inversamente proporcionar à sua legitimidade (KOOPMANS, 2004), deixando transparecer uma patologia social motivada pelo trânsito informacional em rede cujos equívocos interpretativos foram facilmente identificados. Esse parece ser um exemplo emblemático para demonstrar, nos termos de Ferreira (2016, p. 142), o potencial disruptivo da semiose e seu potencial de adaptação a diferentes sistemas produtivos.

A captura desses vídeos amadores e sua disseminação em diferentes circuitos informacionais em rede indica o momento de contágio entre a narrativa social midiática produzida durante o linchamento e a narrativa midiática jornalística que desenvolve estratégias regulatórias em torno do caso, reaproveitando esses materiais para contextualizar e oferecer senso de realidade à sua narrativa. Esse duplo lugar ocupado pelos vídeos amadores, inscritos ao circuito midiático social e jornalístico, remete ao conceito veroniano (2013) de interpenetração, indicando que as gramáticas não são puras, carregando consigo marcas dos lugares de funcionamento a partir dos quais são gestadas, umas servindo de insumo produtivo para as outras. A partir do instante em que se tocam, cada qual traz consigo as marcas e legados dessas anterioridades, instaurando um cenário de semioses complexas.

É interessante perceber que, para além de apresentar explicitamente um compacto dos vídeos que registra o momento exato do linchamento de Fabiane Maria de Jesus na matéria produzida pelo repórter Diógenes Campanha (conforme mostrado

anteriormente), a *Folha.com* desenvolve outras duas estratégias de aproveitamento deste mesmo material ao longo da cobertura do caso que reuniu 33 publicações, distribuídas entre matérias informativas, conteúdo opinativo e um editorial ao longo de 18 dias.

Em três diferentes matérias ao longo da cobertura do caso o vídeo amador que apresenta em detalhes o linchamento não foi explicitamente apresentado na forma de um player disposto ao longo dos parágrafos, sendo mencionado ao longo do texto na forma de links que remetem o leitor à matéria original em que o conteúdo audiovisual ganha destaque, conforme pode ser visualizado abaixo³.

Um [vídeo entregue à Folha](#) pelo advogado da família mostra Fabiane levando paulada e sendo agredida por alguns moradores de Morrinhos quando ainda estava viva.

Nas imagens, uma pessoa levanta a cabeça de Fabiane puxando pelos cabelos e a joga contra o chão. Ainda com o corpo da dona de casa estendido no chão, outro morador passa com o pneu de uma bicicleta por cima dela.

Um [vídeo entregue à Folha](#) pelo advogado da família mostra Fabiane levando paulada e sendo agredida por alguns moradores de Morrinhos quando ainda estava viva.

Nas imagens, uma pessoa levanta a cabeça de Fabiane puxando pelos cabelos e a joga contra o chão. Ainda com o corpo da dona de casa estendido no chão, outro morador passa com o pneu de uma bicicleta por cima dela.

A agressão a Fabiane foi filmada e flagrou o momento em que um homem a atinge com um pedaço de madeira.

Dessa forma, apesar da reprovação de leitores, conforme o print abaixo, o vídeo amador é reiteradamente aproveitado durante a cobertura, deslocando-se por espaços variados na espacialidade do site enquanto marcador rememorativo da atrocidade que perpassou os últimos instantes de vida da dona de casa Fabiane Maria de Jesus.

ValveMark (267) 05/05/2014 20h52



Por respeito, tirem este video do ar!! Isto é barbaridade!!

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

³ O primeiro print faz menção à matéria “*Dono de perfil na web diz que apagou retrato que levou a linchamento*”, publicada no dia 6 de maio de 2014. O segundo print, idêntico ao primeiro, foi extraído de matéria intitulada “*Enterro de mulher morta após boato virá comoção em Guarujá (SP)*”, também publicada no dia 6 maio. Por fim, o terceiro print faz menção à matéria “*Polícia prende suspeito de participar de linchamento em Guarujá*”, também publicada no mesmo dia.

Em outra matéria, também publicada no dia 6 de maio, a estratégia de “mostrabilidade” do vídeo ganha novo contorno. Ao invés de apresentar o conteúdo audiovisual produzido pelos atores sociais ao longo do desenrolar do acontecimento, a *Folha.com* segmenta o vídeo em quatro “frames”, convertidos em imagens estáticas e, de forma didática, explica ao seu leitor a sequência de eventos que caracterizaram o linchamento, desde o momento em que a dona de casa é jogada de uma palafita até o instante em que é amarrada e arrastada pelas ruas do bairro de Morrinhos. O título que ampara a sequência de imagens didatizadas, estruturando espécie de mosaico em torno do linchamento, é simplesmente “*Guarujá Medieval*”. Essa manchete dialoga com reflexão sobre o caso redigida pelo jornalista e pesquisador Samuel Lima (2014) ao argumentar que a tanto a Idade Média, caracterizada pela falta de transparência, quanto a Idade Mídia, caracterizada pelo excesso de luz, produzem como efeito uma cegueira coletiva capaz de legitimar o assassinato de inocentes.

arte Folhapress/arte Folhapress

GUARUJÁ MEDIEVAL

Vídeo mostra dona de casa sendo agredida após acusações de magia negra em cidade do litoral paulista



Amarrada de bruços, a dona de casa Fabiane Maria de Jesus, 33, é jogada de uma palafita por um homem. Ela gira e cai no chão



Uma pedaço de madeira é arremessado contra a cabeça de Fabiane. Um homem pega a tábua e acerta novamente a dona de casa



Em outro vídeo, Fabiane aparece desamarrada e deitada. Após ser puxada pelos cabelos, seu rosto bate contra o chão



Um homem de bicicleta atropela Fabiane e a atinge duas vezes na cabeça com a roda. Em seguida, ela é amarrada e arrastada

Para além das questões atinentes ao vídeo, a *Folha.com* desenvolve outras estratégias a fim de impulsionar o seu processo de noticiabilidade através da incorporação de discursos sociais midiaticizados às suas próprias lógicas produtivas, o que revela imbricações entre circuitos de mídia.

O que acontece é que, materializados via Facebook, os discursos projetados pelos atores sociais em torno do caso da Bruxa de Guarujá ganharam a dimensão do que poderíamos chamar de um “discurso de sistema”, operacionalizado através de lógicas e características de mídia. Nesse sentido, o Facebook apresenta-se com um desenho macro interativo, operando sentidos numa sociedade midiaticizada na qual se verifica um processo crescente de diversificação e complexidade de materiais postos em circulação, assim como um fenômeno crescente de geração de circuitos distanciados do controle da grande mídia. Segundo o pesquisador José Luiz Braga (2016), os espaços interacionais tornam-se cada vez mais porosos, havendo uma mistura difusa entre o que acontece dentro e fora da mídia.

Valendo-se do processo de materialização dos discursos sociais em rede e da capacidade rememorativa desses conteúdos, a *Folha.com* resgatou para o interior da sua narrativa discursos proferidos pelos administradores da página Guarujá Alerta, assim como comentários de internautas. Em matéria intitulada “*Mata sem dó, diz internauta em site que divulgou boato*”, a própria manchete faz menção a uma declaração recuperada das redes no circuito de constituição do boato (representado pela página

Guarujá Alerta) e reintrojetada no circuito de regulação do boato (representado pelo site jornalístico). Até mesmo o lead da matéria, tido nos manuais de redação como o parágrafo vivo e sintético que abre o texto jornalístico, é representado por uma postagem, na íntegra, contendo informações veiculadas pela página Guarujá Alerta no dia 25 de abril de 2014, ou seja, 14 dias antes da publicação do referido texto no dia 8 de maio, como pode ser observado através de movimento comparativo do prints reportados abaixo:

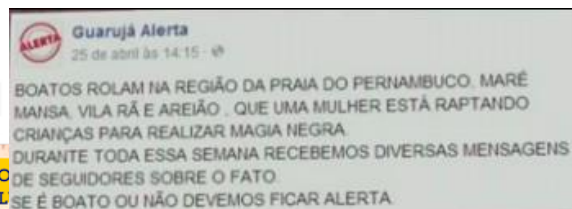
'Mata sem dó', diz internauta em site que divulgou boato

EMILIO SANTANNA
DE SÃO PAULO

08/05/2014 @ 02h00

Recomendar 750 Tweetar 94 +1 3 Ouvir o texto Mais opções

"Boatos rolam na região da praia do Pernambuco, Maré mansa, Vila Rã e Areião, que uma mulher está raptando crianças para realizar magia negra... Se é boato ou não devemos ficar alerta."



O parágrafo seguinte desse mesmo texto jornalístico legitima a categorização aqui apresentada e, em tom de sentenciamento, também atribui ao circuito inscrito à página Guarujá Alerta no Facebook a responsabilidade por iniciar o processo de constituição do boato que viria, 9 dias após aquela primeira postagem, exasperar-se num ato de linchamento bárbaro.

Começou assim o roteiro que terminou com o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, 33, confundida com a suposta sequestradora, no sábado, em Guarujá.



O terceiro parágrafo, reportado abaixo, tem especial interesse, na medida em que explicita no próprio texto jornalístico o trabalho de recuperação de excertos discursivos produzidos em circuitos distanciados da órbita do site jornalístico. O mais emblemático, contudo, é que embora a mensagem original que impulsionou o boato tenha sido excluída da página Guarujá Alerta, o jornalista acionou mecanismos de busca a fim de recuperá-la em outros ambientes digitais. Essa afirmação demonstra o potencial de

circulação de conteúdos em rede, evidenciando um processo de simbiose entre gramáticas e lógicas produtivas que se tocam, gerando por sua vez outros movimentos circulatórios e, conseqüentemente, novos processos de ressignificação das narrativas circulantes. O número reportado no trecho trazido abaixo – 765 compartilhamentos – demonstra a impossibilidade de se rastrear com precisão os múltiplos circuitos informativos em rede nos quais o boato da Bruxa de Guarujá converteu-se em tópico de discussão, permitindo reinterpretações e defasagens de sentidos as mais variadas.

A mensagem é de 25 de abril, publicada às 14h15, no "Guarujá Alerta", página noticiosa no Facebook -apesar de ter sido apagada, é possível achá-la em sites de busca. A ela se seguiram 139 comentários e 765 compartilhamentos.

Ao longo dessa mesma matéria, a *Folha.com* consegue recuperar com propriedade excertos discursivos que evidenciam com total clareza o processo progressivo de constituição do boato, via trocas de mensagens dispostas em circuitos variados, porém interligados, especialmente aqueles instituídos pelo Guarujá Alerta e por perfis pessoais de seguidores da página no Facebook. Dessa forma, as três postagens recuperadas pelo campo jornalístico e projetadas na matéria dão conta de um movimento que obedece a três etapas, como pode ser observado abaixo:

Com esse link, o seguinte comentário: "Pessoal não sei se é ela porém acabei de compartilhar a foto da mulher, caso ajude em alguma coisa é só sair compartilhando".

Essa primeira postagem recuperada pelo campo jornalístico sinaliza a necessidade de as pessoas participarem e se envolverem com o boato, valorizando e projetando à frente, via circulação, uma informação que sequer havia sido confirmada.

A partir daí, o boato se espalhou rapidamente. Minutos depois, novo comentário: "Se vir [sic] pro Morrinhos [bairro de Guarujá] vai tomar só rajada essa cachorra".

Essa segunda postagem recuperada pelo campo jornalístico já exime qualquer senso de dúvida em relação à existência da sequestradora, ameaçada de morte caso aparecesse no bairro de Morrinhos. Neste estágio, a história da Bruxa já havia sido

incorporada de forma coerente e consensual, adquirindo e obedecendo a forma dos estereótipos dominantes naquela comunidade específica (KAPFERER, 1987, p. 126).

"Mata essa filha da puta. Sem dó", diz outro internauta.

Por fim, a terceira mensagem explicita o caráter de sugestibilidade atribuído ao processo circulatório, a tal ponto de as pessoas, excitadas umas pelas outras através de estímulos informacionais geridos no espaço físico e virtual, bloquearem qualquer senso de raciocínio lógico e orientar os seus sentimentos numa mesma direção, mesmo que contrário a qualquer senso de realidade. Fabiane não apenas deveria morrer. Ela deveria ser morta “sem dó”.

É curioso notar que, ao mesmo tempo em que analisamos os trechos recuperados pela *Folha.com* a fim de sustentar a sua narrativa, resgatando para o seu interior materialidades discursivas originalmente situadas em outros circuitos, explicitam-se também os próprios circuitos que tensionam a produção de cada um desses mesmos trechos. Isso significa dizer que, seja em termos de constituição ou então de regulação do boato, o que se verifica é um cenário de interdiscursividade entre circuitos produtivos minados por autores situados em circunstâncias variadas, cada qual valendo-se do outro como condição para fazer avançar seu processo de construção de sentidos.

Em termos fotográficos, a cobertura da *Folha.com* em torno do caso analisado deixa nítido a escassez de elementos visuais construídos e tratados “segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas” (BARTHES, 1990, p. 14) condizentes às estratégias definidas pelo campo jornalístico. Mais uma vez, essa situação se deve ao fato do site desenvolver uma narrativa anáfora e, portanto, “refém” de registros visuais capturados por atores sociais que miraram o acontecimento a partir de lentes interpretativas distintas daquelas acionadas pelo jornalista, caso pudesse protagonizar *in loco* o evento.

A ausência de registros fotográficos profissionais em torno do linchamento acarretou na produção de uma série de matérias cujo único elemento significativo eram os textos, situação que contraria as lógicas produtivas da web enquanto ambiência a

partir das quais os sentidos são ofertados através da composição de uma unidade informativa capaz de acolher diferentes elementos multimídia.

Ao longo dos 18 dias de cobertura, em três ocasiões distintas as reportagens produzidas pela *Folha.com* – apesar de assinadas por repórter especial enviado à Guarujá – foram ilustradas com a mesma imagem de arquivo em formato 3x4, mostrando o rosto de Fabiane, ancoradas todas por legenda idêntica, situando o leitor no universo de sentidos que a fotografia pretendia emprestar ao campo da recepção: “*Fabiane Maria de Jesus, 33, morreu após ser espancada por moradores de Guarujá (SP)*”. Essa imagem resgatada de arquivos digitais foi amplamente divulgada ao longo do desenrolar do caso, permanecendo ainda hoje uma fotografia constantemente revisitada na medida em que ilustra o tópico intitulado “*Linchamento de Fabiane Maria de Jesus*” na enciclopédia livre Wikipédia. Abaixo, à esquerda, a imagem e a legenda que ilustrou três diferentes reportagens da *Folha.com*⁴. À direita, o retrato que estampa a história do caso na enciclopédia livre.



⁴ A imagem ilustrou as seguintes reportagens: “Polícia prende suspeito de participar de linchamento em Guarujá” (06/05/2014), “Polícia prende terceiro suspeito de linchamento em Guarujá (SP)” (08/05/2014), e “Polícia procura mais dois suspeitos de linchamento em Guarujá” (08/05/2014).

Em outro momento emblemático da cobertura, no dia 9 de maio de 2014 a *Folha.com* revisita essa mesma imagem em formato 3x4, publicando em matéria intitulada “*Polícia identifica quinto suspeito de linchamento em Guarujá (SP)*” uma montagem na qual coloca, lado a lado, o retrato falado da suposta sequestradora de crianças e a imagem de Fabiane Maria de Jesus.



Retrato-falado divulgado na internet como sendo de sequestradora colocado ao lado de foto de Fabiane

A complexidade de circuito envoltos nessa publicação da *Folha.com* exige o detalhamento dos percursos sógnicos atravessados ao longo do tempo pela montagem reproduzida no site, situação que exemplifica as redes de afetações de sentido que caracterizam a sociedade midiaticizada. O quadro reportado abaixo oferece, em ordem cronológica, a sequencialidade de circuitos midiáticos que se conjugaram até a publicação jornalística, momento em que o boato já havia se transformado num acontecimento trágico que, naquele momento, passava a ser regulado pelo site da Folha.

Tabela 1 – Cronologias circulatórias: da constituição à regulação do boato pelo campo jornalístico

		<p>Em agosto de 2012, a Coordenadoria de Operações e Recursos Especiais (Core) divulga o retrato falado de uma mulher suspeita de roubar um bebê no Rio de Janeiro. A tentativa de sequestro aconteceu após uma mulher deixar uma clínica médica com o filho no colo. O retrato teria sido produzido com base em características físicas relatadas pela mãe da criança ao retratista. Na ocasião, ela havia dito à polícia que a</p>
---	---	--

	<p>suspeito tinha aproximadamente 25 anos, era negra, forte e tinha aproximadamente 1,60 cm de altura. Definitivamente, o perfil desenhado não condizia ao fenótipo de Fabiane.</p>
	<p>No início de abril de 2014, ou seja, um mês antes do linchamento de Fabiane, o mesmo retrato falado produzido pela Core passa a circular na cidade de Três Rios. A polícia da cidade emite nota esclarecendo à população que “o último registro de desaparecimento de criança ou adolescente neste município ocorreu em fevereiro de 2014 e a criança apareceu horas depois, pois brincava na casa de uma amiga de escola”.</p>
	<p>No dia 25 de abril de 2014, a página Guarujá Alerta no Facebook publica o mesmo retrato falado desenhado pela Core, no Rio de Janeiro, e que circulou também no município de Entre Rios, chamando a atenção dos seguidores para a existência de uma “suposta sequestradora de crianças em nossa cidade”. Iniciava aqui o trajeto circulatório que iria culminar com a constituição do boato e consequente linchamento.</p>
	<p>Após a publicação do Guarujá Alerta, no dia 2 de maio um seguidor da página associa o retrato falado da “suposta sequestradora” à imagem de uma ex-moradora do bairro de Morrinhos chamada Diane Silva Pinheiro. A mensagem alerta que a sequestradora “quase pegou” uma criança do bairro, chegando a arranhar o seu braço, e suplica para que as mães não deixem seus filhos “no meio da rua”. No dia seguinte à publicação da montagem, Fabiane seria confundida com Diane e morta. Ambas eram inocentes.</p>

	<p>Após o linchamento, impetrado no dia 3 de maio, pequenos blogs e sites de notícia projetam, lado a lado, a figura de Diane e Fabiane, já degradada pela violência e que, um dia antes, havia pintado o cabelo de loiro. Ambas inocentes. Diane confundida com o retrato falado desenhado em 2012, no Rio de Janeiro. Fabiane confundida com Diane e linchada nas ruas pobres do bairro de Morrinhos.</p>
	<p>Por fim, no dia 9 de maio de 2014, a <i>Folha.com</i> apresenta ao seu leitor, com crédito outorgado à “Fotomontagem”, o retrato falado produzido em 2012 ao lado da imagem de rosto de Fabiane Maria de Jesus. Completa-se, assim, um ciclo intermitente de processos circulatórios, partindo-se da publicação do retrato falado de uma suspeita de sequestro, no Rio de Janeiro, ao linchamento de uma inocente, no litoral de São Paulo.</p>

Apesar da reprodução sistemática de imagens de arquivo resgatadas graças à capacidade da internet em guardar memória, é preciso destacar que a *Folha.com* rompe com a necessidade de construir estratégia anaforizante em dois momentos específicos, quando o site realiza seus próprios registros em torno do caso aqui estudado, utilizando-se da retórica jornalística para humanizar a figura de Fabiane.

No dia 6 de maio, o jornalista Diógenes Campanha e o fotógrafo Luiz Carlos Murauskas cobriram o enterro de Fabiane, acompanhado por “pelo menos uma centena de pessoas” que, hasteando cartazes, reivindicavam por justiça. A imagem que ilustra a matéria apresenta, em primeiro plano, Aline Francisca Barbosa, amiga de infância de Fabiane. O cartaz empunhado por Aline mostra duas fotografias, sendo que numa delas Fabiane aparece sorrindo para uma menina que segura no colo. A legenda delimita ainda mais a margem interpretativa presumida pela foto, deixando implícita a relação afetiva que Fabiane tinha junto às crianças: “*Aline Francisca Barbosa, 24, amiga de infância, deixava sua filha de um ano com a vítima*”. A sequestradora, aqui, transformava-se através da mediação jornalística numa figura humanizada, sensível e leal, em contraponto a todos os vídeos amadores que a apresentam completamente

despida de humanidade. A imagem abaixo ilustra a matéria “*Enterro de mulher morta após boato vira comoção em Guarujá (SP)*”.



Aline Francisca Barbosa, 24, amiga de infância, deixava sua filha de 1 ano com a vítima

Outras imagens, registradas pelo próprio campo jornalístico, ratificam o movimento de humanização de Fabiane, apelando para reproduções imagéticas que a situam na condição de um ausente dotado de significações. Essa perspectiva é claramente demonstrada nas duas fotografias que ilustram a matéria intitulada “*Família de mulher linchada em Guarujá temia boatos sobre ‘bruxa’*”, publicada pela *Folha.com* no dia 11 de maio de 2014. Na primeira fotografia Fabiane está representada pela sua própria imagem, estampada numa camiseta branca, na qual segura nos braços uma das filhas. Essa camiseta preenche, simbolicamente, um lugar vazio no sofá da família. Na segunda imagem, a dona de casa é representada por sua amorosidade, expressa em cartão escrito a próprio punho destinado a uma das filhas. Esse cartão é apresentado tendo como “suporte” as mãos abertas de uma mulher e, segundo a legenda, teria sido escrito na véspera do linchamento.



O marido de Fabiane Maria de Jesus, Jailton, com as duas filhas do casal, Yasmin e Esther

Bilhete da dona de casa, um dia antes do ataque

Valendo-se destas duas imagens, a *Folha.com* ultrapassa os limites verbais do discurso indireto, na medida em que a textualidade constitui elemento que apela prioritariamente ao intelecto, valendo-se de objetos imagéticos que, através de uma assimilação muito rápida por parte do leitor, deixa transparecer mais enfaticamente os aspectos afetivos e passionais imbricados à trágica história de Fabiane.

À guisa de conclusão

Numa sociedade marcada pela superabundância informativa e pela descentralização do poder de circulação de mensagens, o campo jornalístico redefine suas lógicas processuais e, valendo-se de um trabalho curatorial, passa a retrabalhar elementos informativos já materializados em rede. Esses materiais constituem insumo importante para sustentar a narrativa jornalística, não descartando a relevância de operações caras à profissão como pesquisa, checagem e entrevistas.

Frente a esse cenário comunicacional difuso caracterizado pela existência e sobreposição de múltiplos ambientes produtores de circuitos, cabe ao jornalista ordenar o fluxo informativo, reprojutando para o interior da sua narrativa excertos discursos que já operam sentidos em outros ambientes midiáticos. Daí a relevância do trabalho anaforizante, na medida em cada vez mais a cultura jornalística será chamada a operar em retrospectiva, regulando as desordens do mundo da vida a partir da captura de registros midiáticos materializados em rede por atores sociais relegados à condição de cogestores informativos.

Referências:

- BRAGA, José Luiz. Miatização como processo interacional de referência. In: **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Enunciação midiática: das gramáticas às ‘zonas de pregnância’**. 2008
- FERREIRA, Jairo. **Adaptação, disrupção e regulação em dispositivos midiáticos**. Matrizes, São Paulo, v.10, n.2, p. 135-153, mai./ago. 2016.
- KAPFERER, Jean-Noël. **Boatos: o meio de comunicação mais velho do mundo**. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1987.
- KOOPAMNS, Ruud. **Movements and media**: Selection processes and evolutionary dynamics in the public sphere In: *Theory and Society* 33: 367–391, 2004.
- LIMA, Samuel. **Idade mídia e linchamentos**. Acessado em 13 de novembro de 2016. Disponível em: <http://blogmanueldutra.blogspot.com.br/2014/05/idade-midia-e-linchamentos.html>
- RODRIGUES, José Welhington Cavalcante. **Ensaio sobre os significados do linchamento ocorrido no Guarujá-SP (2014) sob a perspectiva sociológica**. Revista Transgressões – Ciências criminais em debate. Natal, V. 4, n.1, 2016.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SODRÉ, M. **Um novo sistema de inteligibilidade**. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 1, n. 1, jan./jul. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/5709>>. Acesso em: 2 nov. 2016.
- VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D’Água, 1992.
- VERÓN, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediatización**. Revista Diálogos, 1997. p. 9-17